

## LACAN LEITOR DE POLITZER: ELEMENTOS FILOSÓFICOS EM TORNO DA FUNDAMENTAÇÃO DE UMA PSICOLOGIA CONCRETA

**Alexandre Cherulli Marçal**

*Mestrando em Filosofia na Universidade Federal Fluminense - UFF*

### **RESUMO**

O presente artigo pretende ser uma introdução ao primeiro momento da trajetória intelectual de Jacques Lacan através da assimilação feita por ele do pensamento de Georges Politzer, o que será feito através da aproximação crítica de duas obras centrais: a tese de doutoramento de Lacan (*Da Psicose Paranóica em suas relações com a Personalidade*) e a *Crítica dos fundamentos da psicologia* de Politzer. A partir delas, será feito um estudo em busca dos fundamentos teórico-filosóficos que motivaram Lacan na crítica ao organicismo e ao automatismo mental próprios do abstracionismo da psicologia clássica da época, focando na trajetória à psicologia concreta fundada no fenômeno da personalidade. Entrementes, intentar-se-á introduzir a ampla temática que permeia o primeiro contato de Lacan com a psicanálise freudiana, sem deixar de lado as questões filosóficas envoltas nessa problemática.

**Palavras-Chave:** psicologia concreta; abstracionismo; personalidade; Lacan; Politzer.

### **ABSTRACT**

The following article aims to be an introduction to the first moment of the intellectual trajectory of Jacques Lacan by studying his assimilation of the thought of Georges Politzer. This will be mainly done in a critical approximation of two central works: the PhD thesis of Lacan (*Paranoid psychosis in their relationship with personality*) and the *Critic of the fundaments of psychology* of Politzer. From them there will be a theoretical and philosophical study in search of the foundations that led Lacan's critique of the organicism and the mental automatism that belong to the abstractionism of the classical psychology of that time. It focuses the path to the concrete psychology based on the phenomenon of personality. Meanwhile, this piece of work will introduce the broad theme that pervades Lacan's first contact with Freudian psychoanalysis, without leaving aside the philosophical questions towards this issue.

**Key-words:** concrete psychology; abstractionism; personality; Lacan; Politzer.

### **Introdução**

O intuito de arquitetar um método e direcionar a psiquiatria a um plano concreto de investigação do fenômeno da psicose, em especial, da psicose paranóica seria, para Lacan, a única via segura capaz de arrogar objetividade ao estudo das psicoses, que até então fora refém de “abstrações de laboratório”, o mais completo desconhecimento da *realidade do*

*homem*, ou melhor, da *concretude do homem*. Tal expressão nos remete diretamente a Georg Politzer, um dos primeiros pensadores a inserir a noção de concreto no debate filosófico contemporâneo e que terá grande importância na formulação lacaniana, ao menos como inspiração capital no primeiro momento de sua obra.

É nas páginas da tese de doutoramento em psiquiatria de Lacan (*Da Psicose Paranóica em suas relações com a Personalidade* – daqui para frente referida como Tese) que o aspecto crítico do pensamento de Politzer faz sentir mais nitidamente sua presença. Nela, Lacan pretende dar uma explicação à psicose paranóica através do *fenômeno da personalidade*, fundamentando uma ciência positiva através do reaproveitamento de diversas noções, colhidas desde a fenomenologia até a psicanálise. Veremos no desenrolar do presente artigo que o pensamento crítico de Politzer tem um papel central nesse processo. Ainda que Lacan não tenha reconhecido abertamente a influência que sofreu de Politzer por meio de citações e comentários específicos, é notável que os primeiros desenvolvimentos do pensamento lacaniano aproveitam-se do turbulento pensamento do húngaro, de forma geral, em ao menos dois aspectos específicos: 1) quanto ao projeto de crítica dos descaminhos históricos da psicologia acadêmica, marcado pela crítica ferrenha ao organicismo, 2) e na proposta de ler e aproveitar a obra freudiana de modo particularmente diferente, intuito esse que irá acompanhá-lo ao longo de sua trajetória.

Na Tese, valendo-se de um caso clínico de psicose paranóica (caso Aimée), Lacan busca não somente um apoio para a elucidação do caso em questão, como também pretende estabelecer o valor científico e metodológico que uma doutrina, da alçada do concreto, poderia fornecer, respondendo teorias segundo as quais a psicose seria ou uma espécie de inatismo constitutivo em sentido estrito, ou simplesmente uma doença orgânica. Apenas abandonando essas hipóteses outra perspectiva de compreensão poderia surgir; o psicólogo ou o psiquiatra não pode ser mais aquele que descobre a doença nas suas formas *em si*, tal como se as coisas possuíssem um teclado em seu dorso pronto para ser tocado.

Tendo como respaldo a influência politzeriana, a crítica lacaniana engendra-se na discussão epistemológica da presença de um sujeito nas ciências, ou seja, do reconhecimento ou não de um sujeito no processo de conhecimento. Lacan pretende não mais tratar a psicose como uma sucessão de fenômenos mentais atomísticos, resultado de distúrbios dissociativos, sejam eles de origem mental ou orgânica, que negam o papel do sujeito, assim como não quer ser vítima “do solipsismo e da inefabilidade que ameaçam um objeto de análise definido em

termos de um ato significativo exclusivamente subjetivo, singular e irrepetível” (SIMANKE, 2002, p.172). Ou seja, a crítica e a reavaliação do fenômeno psicótico são acompanhadas de um reposicionamento da ciência psicológica e de seus fundamentos. Teorias como a Gestalt e o behaviorismo representarão, num primeiro momento, exemplos da exclusão do sujeito no processo de conhecimento ao passo que se firmam numa certa irredutibilidade metodológica positivista. A crítica a essas correntes encontra em Politzer os termos mais duros, sendo tratadas como doutrinas de características abstratas que se pretendem reais, isto é, padecem de um realismo. Portanto, a inspiração comum tanto da psicologia quanto da antropologia que Lacan irá seguir será uma concepção do conhecimento que se proíbe, de saída, qualquer compromisso realista; isto é, um conhecimento cuja garantia repousasse na fidelidade a uma realidade dada.

### **A argumentação crítica de Politzer na obra *Crítica dos fundamentos da psicologia***

Um turbulento e incansável texto como é a *Crítica* de Politzer pode ser exposto de muitas formas, no entanto, aqui, cabe notar preferencialmente os momentos da obra em que ele delinea mais nitidamente seu pensamento, evidenciando os momentos considerados mais importantes para o aproveitamento de sua teoria pela letra lacaniana.

Segundo Canguilhem, mesmo sendo uma ciência nova, a psicologia não demorou a encontrar uma posição cômoda na paciência científica; satisfez-se rapidamente com o cientificismo e com os métodos que o acompanha, pensando dessa maneira estar se livrando da má afamada metafísica (CANGUILHEM, 1999). No entanto, a história da psicologia mostra que essa paciência não foi adquirida sem um hall de desilusões; pelo contrário, foi apenas na ciência que ela conseguiu proclamar sua sobrevivência, ainda que seus praticantes avaliem tal percurso como um processo de independência. Ora, mas qual é essa ciência e do que pensavam estar se emancipando? Para esboçar uma resposta precisamos compreender o que está em jogo quando Politzer afirma que “o movimento psicológico contemporâneo não é senão a *dissolução da dupla natureza humana*” e que devemos ter “*o reconhecimento claro de que a psicologia clássica nada é senão a elaboração nocional de um mito*” (2004, p.40-41).

Politzer pensa o mito da dupla natureza humana como a retomada do dualismo cartesiano entre corpo e mente, uma reedição do substancialismo da alma. Para ele, até então,

a psicologia teve que agarrar-se nas sombras dos métodos e concepções importados das ciências físicas e biológicas, pensando que, com tal aparato, poderiam investigar o em si das coisas, algo como sua realidade mesma. Entretanto, a cada passo rumo à objetividade, a introspecção é retomada, tornando-se vítima de abstrações teóricas que edificam o mito da vida interior na psicologia (POLITZER, 2004, p.44-45), o que, para Politzer, ainda terá um respaldo na ideologia da família burguesa, amparada pela reificação do método científico.<sup>1</sup>

Politzer evidencia tais tendências em três vertentes predominantes na psicologia da época: o behaviorismo de Watson, a *Gestalttheorie* e a psicanálise. Todas elas serão duramente criticadas, pois trariam consigo os elementos da chamada psicologia clássica advinda de um cientificismo ingênuo, isto é, uma má interpretação da *Crítica* kantiana.

A crítica kantiana a ‘psicologia racional’ deveria ter arruinado definitivamente a psicologia. Poderia ter determinado imediatamente uma orientação para o *concreto* [...] Ela certamente eliminou a noção de alma, mas, por ser a refutação da psicologia racional apenas uma aplicação da crítica geral das coisas em si, parece que o resultado, para a psicologia, foi um *realismo empírico*. (POLITZER, 2004, p.44, grifos meus).

Politzer pretende reintroduzir na discussão o papel do sujeito e da experiência na produção do conhecimento, mas de modo que esse sujeito não seja mais uma vez o observador – um “cérebro no balde” –, e sem que essa experiência seja limitada à memória e ao aparelho perceptivo, como se investigasse objetos em si.

Segundo Gabbi, podemos identificar, de modo geral, cinco aspectos centrais para onde se direciona a crítica de Politzer à psicologia clássica: (1) crença no atomismo do psicológico; (2) o imediatismo da percepção como sendo fato psicológico; (3) a pressuposição da existência de uma vida interior; (4) a ideia de que o psíquico é resultado de processos e não de atos; (5) e a ideia de um “postulado da convencionalidade do significado”<sup>2</sup> que traz a noção de verdade como correspondência, como se a mente funcionasse como um espelho refletor de objetos externos, ou seja, como se a linguagem fosse uma representação produzida pela química cerebral.

---

<sup>1</sup> “A ideologia burguesa não teria sido completa se não tivesse encontrado a sua mística [...] na vida interior da psicologia. [...] Por não comportar vinculação a nenhuma verdade determinada, mas apenas um jogo desinteressado com as formas e as qualidades, ela dá a ilusão da vida e do progresso ‘espiritual’, enquanto a abstração, que é sua essência trava toda a vida verdadeira”. (POLITZER, 2004, p.45)

<sup>2</sup> Tal expressão encontra-se no prefácio à *Crítica dos fundamentos da psicologia* escrito pelo professor Osmyr Faria Gabbi, (2004, p.XI).

Todas essas críticas encontram respaldo na concepção que Politzer tem do que viria a ser uma *psicologia concreta*. Para ele, ao invés de abstrações teóricas e metodologias experimentais tão peculiares às psicologias objetivistas, limitadas pela primazia do “real” e por exercícios nocionais, a psicologia concreta deveria valorizar a experiência psicológica mais distintiva: a noção de que toda experiência comporta essencialmente um *sentido para um sujeito*. O conhecimento em terceira pessoa, oriundo da metodologia experimental, conduzido ao realismo metafísico da substância e ao realismo científico garantem que as significações individuais que constituem o sujeito humano em seu caráter dramático singular sejam soterradas, tornando sem sentido a expressão *conhecimento em primeira pessoa*, fundamental à perspectiva politzeriana. A abstração e a vida interior dão lugar à interpretação que parte diretamente da vida singular do sujeito, de um eu contínuo não compartimentado em faculdades. Politzer esclarece sua posição: “A psicologia só pode existir como ciência ‘empírica’. Tendo de ser *empírico*, o *eu* da psicologia só pode ser o *indivíduo particular*. [...] Ora, o ato do indivíduo concreto é a *vida*, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a *vida no sentido dramático do termo*” (POLITZER, 2004, p.67).

Como redirecionar a psicologia para o concreto? Ao longo de toda a obra, Politzer se dedicará a uma interpretação do livro *Traumdeutung* (Interpretação dos sonhos) de Freud, que servirá de contraponto teórico para a fundamentação basilar de sua psicologia concreta. A partir dela, ele buscará os elementos distintivos e os elementos constituintes de seu próprio pensamento, sempre em vista de uma psicologia em primeira pessoa. Ora, portanto, qual a contribuição da psicanálise para tal perspectiva? Politzer identificará na concepção freudiana de interpretação dos sonhos o primeiro passo à psicologia do drama, especialmente na descoberta do sentido concreto e individual do *sonho*, pois ele não é somente uma reação orgânica, mas tem um certo tipo de positividade não estritamente cientificista, possui sentido singular, e com ele encontramos uma nova definição do fato psicológico, já distante da concepção clássica.

“O postulado de toda a *Traumdeutung*, isto é, que o sonho é a realização de um desejo, a técnica de interpretação que é precisamente a arte de ligar o sonho ao sujeito que o sonhou” (POLITZER, 2004, p.60). Essa concepção abre caminho para a psicologia concreta que valorizará as virtudes concretas da narrativa como método de acesso à subjetividade. O sonho é a realização de um desejo: esta é a principal contribuição que Politzer vê na obra de Freud. Freud mostra como só se apreende a significatividade intrínseca e irrecusável do sonho

considerando-o não um fato psicológico objetivamente dado às observações, mas como a modulação de um eu que aí se exprime enquanto singularidade.

Portanto, um elemento terá grande destaque: o ato do sujeito de narrar seu próprio sonho. “Ora, é claro que a vida psicológica de um outro só nos é dada através de uma ‘narrativa’ e de uma ‘visão’. Narrativa, quando se trata de expressão por meio da linguagem; visão quando se trata de gestos ou, em geral, ação” (POLITZER, 2004, p.92). Uma significação só é concreta se parte da vida dramática do indivíduo. A narrativa do sonho é central nesse ponto, pois é por ela que as particularidades de sentido do sujeito são colocadas em questão e podem ser interpretadas, independentemente de suas formas ou conteúdos convencionais. Para Politzer, *é a referência ao desejo que permite conceder um caráter concreto ao sentido do sonho*, captado na interpretação, pois trata-se de um fator que emerge de uma situação vital e histórica estritamente individualizada e aponta para uma ação no sentido de sua satisfação. *O sonho é, portanto, a encenação privada do drama humano do desejo*; é uma interpretação, e não uma observação. Deste modo:

a narrativa não se define apenas em termos de uma função discursiva, cujo sentido se oculta nos meandros de um sujeito enclausurado, mas tem uma natureza essencialmente dramática, expressando-se, por isso, através da ações dos indivíduos em situação social (SIMANKE, 2002, p.172).

É o que Simanke chamará posteriormente de teleologia da ação, que será tratada na próxima seção.

Mas eis aí um problema. A noção freudiana de inconsciente, tal como Politzer a interpreta, seria nada menos do que resquícios antiquados da velha psicologia clássica, e a crítica a ela tem seu mais alto grau de importância, pois rejeitá-la é ao mesmo tempo rejeitar em bloco a reflexão metapsicológica que a acompanha, assim como também rejeita o mito de uma vida psíquica interior. O fracasso de Freud seria ter compreendido a narrativa em termos de uma relação de conhecimento que o sujeito entretém com seus próprios comportamentos, o que o conduz a conceber “por um lado um mundo de entidades psíquicas inconscientes, e a fazer, por outro lado, da consciência um órgão de percepção” (POLITZER, 2004, p.134). Sendo assim, estaria em uma relação estrita com a psicologia clássica em detrimento do drama e da concretude do desejo. É por isso que Politzer afirmará que Freud é tão abstrato em suas teorias, quanto é concreto em suas descobertas. Sabendo disso, a epistemologia politzeriana prescreverá para os textos de Freud o reconhecimento de uma leitura peculiar: o

avanço do método em direção ao concreto e reservas intransigentes para com a metapsicologia, herdeira da tradição clássica.

A noção de inconsciente traz para o primeiro plano a temática da vida interior, isto é, a fragmentação do eu em instâncias psíquicas dotadas de uma realidade demasiadamente abstrata. Tal noção não pode ser simplesmente a de um agente que sonha e fala; a pluralidade de vozes do sujeito não é o conflito psíquico da interioridade, mas antes a via para a compreensão do que Politzer chama de “unidade dramática” do sujeito. Em outras palavras, não há realismo do inconsciente, como não há uma linguagem que se expressa por representações de objetos. Nesse sentido, Freud será duramente criticado, e o jovem Lacan saberá colher os resultados dessa crítica.

A crítica que Politzer faz a metapsicologia freudiana tem ressonância direta nas noções de conteúdo latente e conteúdo manifesto. O conflito entre essas “vozes” distintas só poderá ser simultâneo a produção de sentido por parte da ação do sujeito que nos fala, a despeito de dualidades intrapsíquicas. É interessante observar neste ponto que Politzer já faz a distinção entre “*je*” e “*moi*” que posteriormente será evidente em Lacan, ainda que não exatamente no mesmo sentido. Politzer chama a atenção para o uso de “*je*” para designar a primeira pessoa, e não a instância psíquica de que Freud se utiliza para sua construção teórica. Já o “*moi*” é o sujeito da introspecção e é utilizado por Politzer ao se referir ao modo abstrato como o eu é abordado na psicologia clássica.

### **A leitura lacaniana de Politzer**

Lacan não cairá nem nas mazelas do positivismo clássico nem no solipsismo singularizante do sujeito, tendências essas duramente criticadas por Politzer.

O que é importante reter é que a reintrodução do sujeito, na Tese, praticamente exigiu de Lacan a formulação de uma psicologia que pudesse dar conta da subjetividade. [...] O apelo à psicanálise passa a soar, então, como uma espécie de recurso *in extremis* para preservar, ao menos em parte a cientificidade inicialmente exigida [...] e se Lacan faz reparos na teoria psicanalítica, é por ela permanecer, a seus olhos [e também aos de Politzer], ainda demasiado presa a pressupostos biológicos, que é preciso dispensar, além de conservar algo do ranço metafísico da psicologia abstrata. (SIMANKE, 2002, p.159).



O contato com a crítica epistemológica politzeriana é significativo, porque ela determina o estilo da relação de Lacan com a psicanálise, marcada pela dissociação método/doutrina que se manifesta na Tese (SIMANKE, 2002, p.164).

Para combater o abstracionismo e o organicismo, Lacan faz uso da noção de compreensão, cuja influência vem primeiramente dos trabalhos de Jaspers e também de Minkowski, que introduz no saber psiquiátrico francês as concepções fenomenológicas oriundas dos estudos de Husserl. Nas palavras de Lacan: “*Compreender*, entendemos por isso dar seu sentido humano às condutas que observamos em nossos doentes, aos fenômenos mentais que eles nos apresentam” (LACAN, 1987, p.315). Compreensão é um termo demasiado amplo e passível de engano, no entanto, é através das *relações de significação* que critérios objetivos para uma nova clínica podem ser erigidos, fundamentados por uma relação com a comunidade humana. Os psicólogos clássicos, ao pensarem estar construindo teorias mais sólidas e precisas estariam, na verdade, “invocando as qualidades escolásticas da *constituição* ou os agentes místicos do *automatismo mental*.” (LACAN, 1987, p.316). Diferentemente, a doutrina concreta deve ser fundamentada em relações compreensivas que surgem dos próprios fatos. Segundo Lacan, não devemos temer confiar em certas relações de compreensão. Somente ao fazer delas uma doutrina que apreende o fenômeno da psicose paranóica, não mais como uma sucessão de fenômenos mentais atomísticos, se está no rumo do concreto. Elas permitiriam a abordagem da psicose como um todo organizado e positivo.

“Apenas pode possuir tal alcance a *tendência concreta*, que dá aos fenômenos seu *conteúdo intencional*” (LACAN, 1987, p.347), que será interpretado pelo viés psicanalítico, ao estilo lacaniano. As doutrinas da constituição, quando precisam dar conta das diversidades caracterológicas que revelam os antecedentes da psicose paranóica, se embaralham, ao passo que a tendência concreta explica racionalmente esse polimorfismo que a psicose pode apresentar através das variações de intensidade que a determinam. Lacan diz:

Reconhecer, portanto, nos *sintomas mórbidos*, um ou vários *ciclos de comportamento* que, por anômalos que sejam, manifestam um tendência concreta que se pode definir em *relações de compreensão*, tal é o ponto de vista que trazemos ao estudo das psicoses. Os quadros mais gerais dessas relações de compreensão nós os apresentamos em nossa definição dos fenômenos que chamamos *fenômenos da personalidade*. [...] Nós definimos aí, com efeito, uma ordem de fenômenos por sua essência humanamente *compreensível* – quer dizer, por um *caráter social*, cuja gênese, ela própria social (leis de participação), explica a existência de fato. Entretanto, esses fenômenos têm, por um lado, o valor de *estruturas* fenomenologicamente



dadas (momentos típicos do desenvolvimento histórico e da dialética das intenções); por outro lado, eles estão na dependência de uma especificidade somente *individual*, (momentos *únicos* da *história* e da *intenção* individuais). Esses três pólos do *individual*, do *estrutural* e do *social*, são os três pontos de onde podemos ver os fenômenos da personalidade. (LACAN, 1987, p.319).

Lembremos como Lacan toma o termo *personalidade* através de três eixos, diretamente comparáveis com os do fenômeno da personalidade. Eles são: o *desenvolvimento biográfico* pelo qual o sujeito vive sua história; a *concepção de si*, isto é, a apercepção de imagens de si próprio; e a *tensão das relações sociais* que caracteriza a relação pela qual o sujeito se sente afetado em relação a outros.

Assim, começa a ficar mais claro o cerne do projeto lacaniano de fundamentação de um estudo das psicoses através de uma teoria da personalidade. Com esses âmbitos formadores a partir da noção de personalidade, Lacan procura distinguir entre eles aqueles que possibilitariam à psicologia uma atitude objetivo-científica para a compreensão do fenômeno da personalidade. Não é o aspecto individual que dará a positividade, visto que neste se apresenta marcadamente a influência da intuição. Quanto ao elemento estrutural, segundo Lacan, ele ainda seria muito vinculado a metafísica das essências, provinda da teoria husserliana fenomenológica.

É, então, apenas do ponto de vista do social que encontramos uma possibilidade de validação científica para o fenômeno da personalidade. Nele, as estruturas mentais de compreensão oferecem uma *armadura conceitual comunicável*, e um *fenômeno passível de quantificação*. Eis que, para ele, aí estão as duas condições fundamentais a qualquer ciência, portanto a qualquer ciência da personalidade. Portanto, um viés antropológico deve necessariamente atravessar a ciência da personalidade, caracterizando, portanto, segundo Simanke “uma antropologia anti-individualista que, como na Tese, é visada como condição para uma abordagem fecunda e, ao mesmo tempo, objetiva e científica do campo psiquiátrico.” (SIMANKE, 2002, p.241)

No social ainda se manifestam as três funções que se reconhece na personalidade e que foram mencionadas anteriormente: a *compreensibilidade* do desenvolvimento, o *idealismo da concepção de si*, e a própria função da *tensão social* da personalidade. Entretanto, ao contrário, pela via das *relações de compreensão* visa-se o próprio individual e estrutural no intuito de delimitar-se o concreto absoluto.

É essa função que vai desempenhar, para Politzer, a atenção concedida à *teleologia da ação*: a narrativa não se define apenas em uma função discursiva, mas tem uma natureza essencialmente dramática, expressando-se, por isso, através das ações dos indivíduos em situação social (SIMANKE, 2002, p.172).

Para fundamentar uma ciência inovadora na psiquiatria que não se vale de abstrações advindas da psicologia clássica, mas antes foca no fenômeno da personalidade com base nas relações de compreensão, Lacan precisa de uma espécie de determinismo concernente à especificidade desses fenômenos, e é nomeado como postulado do *determinismo psicogênico*. Esse determinismo indica a autonomia de uma ciência quanto ao seu objeto e método de estudo que, no caso, é uma ciência da personalidade. Segundo ele: “Essa ciência, conforme nossa definição de personalidade, tem por objeto o estudo *genético* das funções *intencionais*, nas quais se integram as relações humanas de ordem *social*” (LACAN, 1987, p.321). E ainda é uma ciência positiva que, porém, enquanto ciência *stritu sensu*, não abarca todo o fenômeno da personalidade, pois se apresenta ainda do ponto de vista estrutural e individual.

Sendo assim definida a ciência da personalidade, pode-se ver claramente a natureza de nossa tese: ela se sustenta na afirmação doutrinal de que os *fenômenos mórbidos*, que a psicopatologia situa dentro do quadro da *psicose*, dependem dos *métodos* de estudo próprios aos *fenômenos da personalidade* (LACAN, 2002, p.322).

Lacan está afirmando o seu compromisso com uma epistemologia não-realista, pela razão de que encara o conceito de ciência como depende mais de seu método que de seu objeto. Ou seja, ele está reconhecendo no próprio método a formação de seu objeto: o reconhecimento de que os métodos criam os fatos. Nas palavras de Simanke:

A psicologia teria falhado em reconhecer o caráter artificial, no sentido de construído pelo próprio homem, da ‘natureza’ que contém e determina seu objeto, ou seja, ela viu-se condenada a desconhecer sistematicamente a especificidade do *meio humano*. Numa palavra, a psicologia passa por alto, por um lado, a determinação cultural do ambiente humano e, por outro – talvez, por isso mesmo – é incapaz de perceber as distorções introduzidas por um dispositivo experimental, ele mesmo mecanicista, no comportamento de seu objeto (SIMANKE, 2002, p.153).

Assim, se não há uma causa única, também não há essência nem forma da doença.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> “A loucura depende de uma existência e portanto de um materialismo. Lacan privilegiava assim a história da personalidade” (ROUDINESCO, 2008, p.64).

Percebemos que apesar da grande influência fenomenológica, por exemplo no uso da noção de compreensão, Lacan não pôde se limitar a ela. “Se a fenomenologia lhe prestou grandes serviços na crítica de uma psicologia acadêmica esclerosada, deixou-o desarmado diante da tarefa positiva de propor uma nova teoria psicológica mais de acordo com os requisitos do concreto” (SIMANKE, 2002, p.162) e da prática de intervenção clínica. É interessante notar ainda que, apesar de Politzer não fazer menção sequer uma vez à fenomenologia, sabemos que ele tinha contato com o meio acadêmico alemão e que possivelmente conhecia os trabalhos de Husserl; é o que a leitura de sua *Crítica dos fundamentos da psicologia* deixa transparecer.<sup>4</sup>

Lacan, tal como Politzer, fará uma crítica à noção de inconsciente e ao desejo inconsciente da teoria freudiana. “Pouco importa que as fantasias estivessem conformes ou não a imagem desse objeto, ou seja, que o desejo tivesse sido consciente ou inconsciente. O próprio conceito do *inconsciente* responde a essa determinação puramente *objetiva* do fim do desejo” (LACAN, 1987, p.317). Eis que a tomada de posição de Lacan, na tentativa de uma formulação concreta para o fenômeno da psicose, deve ser entendida em sua *totalidade*, nunca em acidentes elementares abstratos. Isso significa dizer que a doença de Aimée, por exemplo, não se submete à compreensão de episódios isolados, mas deve ser entendida em determinado ciclo de comportamento inserido em uma ordem social de significações. Lacan diz:

A saciedade que se reconhece o fim do desejo, nós a vimos condicionada por uma experiência certamente complexa, mas essencialmente *social* em sua origem, seu exercício e seu sentido [...] a sanção do evento não permite designar outro termo senão o de punição, que tem seu valor especificamente social (LACAN, 1987, p.318).

A tentativa concreta impôs que a experiência de punição de Aimée, por exemplo, manifestasse o próprio objeto da tendência revelada em todo o ciclo de comportamento, ou seja, em ciclos significativos que dão conta dos fenômenos da psicose de maneira mais satisfatória que as doutrinas abstratas.

A psicose paranóica de autopunição identificada no caso Aimée, com efeito, não revela apenas seu valor de fenômeno de personalidade por seu desenvolvimento coerente com a *história vivida* do sujeito, seu caráter de manifestação ao mesmo tempo consciente (delírio) e inconsciente (tendência autopunitiva) do *ideal* do *eu*, e sua dependência das tendências

---

<sup>4</sup> É o que afirma Bento Prado Júnior no texto *Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos fundamentos da Psicologia*. Encontrado em: Filosofia e Psicanálise. Editora Brasiliense.

psíquicas próprias às *relações sociais*. É ainda destacada a importância do caso clínico para a compreensão de um novo método concreto do fenômeno da personalidade. Lacan vai tentar superar a dicotomia entre método e doutrina, isto é, entre a aplicação prática da clínica e a teoria que a fundamenta, dicotomia essa ressaltada da *Crítica* de Politzer. Portanto, a clínica aparecerá como um espaço e método para a produção do conhecimento analítico, não se limitando a explicações metapsicológicas.

As questões epistêmicas e clínicas imbricam-se com outras à medida que avança o projeto estabelecido na Tese. O caso clínico explicita: *sua significação humanamente compreensível* – sintomas mentais da psicose em relação às experiências vividas da doente; *suas virtualidades de progresso dialético* – se apresenta tanto na progressão delirante quanto na cura da liberação da concepção de si mesmo e do mundo, (pulsões afetivas desconhecidas, e essa liberação se realiza em um choque com a realidade); *sua abertura a participação social* – as concepções da psicose traduzem certas formas de participação social próprias à nossa civilização (LACAN, 1987, p.324). Essa participação social, no caso de Aimée, possui influência marcante. O desenraizamento da vida campesina em contraste com a vida social urbana e com o trabalho industrial – especificamente como funcionária dos correios –, constitui o cenário sob o qual sua psicose se firma.

Seja como for, é evidente que o tema maior de nossa doente não é nada mais que essa imagem que designamos como uma forma moderna da participação social, [...]. A situação vital de nossa doente, camponesa desenraizada, nos faz conceber que uma imagem dessa tenha podido servir de motivo comum a seu ideal e a seu ódio. (LACAN, 1987, p.325)

Mais uma vez é possível perceber a importância que uma antropologia, ainda que não muito bem definida, tem na concepção lacaniana de personalidade.

### **Lacan e o contato com a psicanálise mediado por Politzer**

Não será somente em uma ciência autônoma do social que Lacan buscará reforços a sua teoria. Como foi dito anteriormente, ele dará uma interpretação peculiar à psicanálise freudiana, isto é, promoverá uma inovação na discussão psiquiátrica se apoiando na psicanálise. Ele diz: “É, com efeito, como um *concurso* imposto pelos fatos que é preciso considerar o socorro que parecemos tirar dos dados da psicanálise” (LACAN, 1987, p.325).

Esse socorro à psicanálise se dá pela procura de um apoio na positividade necessária para o estabelecimento de uma ciência da personalidade.

Eis que Lacan encontrará na noção de “*equivalência energética*” essa possibilidade. Ele reaproveita os conceitos para dar-lhes outro sentido. Após afirmar sua importância fundamental à psicologia e também aos estudos concretos, Lacan critica aqueles que fazem dela (*equivalência energética*) e de outras noções tipicamente psicanalíticas algo que ultrapassa em muito seu alcance como *metáfora*.<sup>5</sup> Indo de encontro a diretrizes politzerianas mais radicais e anti-cientificistas, Lacan reconhece a importância de conceitos como o de *energia* para pesquisas epistemológicas, no sentido de que fornece os princípios fundamentais de uma teoria, no entanto, ainda ressalta que é preciso lhe atribuir, como também a tantas outras formas de estruturas conceituais, uma *intencionalidade primitivamente social*. Em linguagem politzeriana, o sentido que a doutrina psicanalítica terá na Tese não condiz com as tendências abstratas e organogênicas predominantes nas pesquisas que não alcançam o drama concreto.

Esses postulados energéticos do desenvolvimento e da equivalência dos fenômenos da personalidade, em que se evidenciou o principal de nosso empréstimo à psicanálise nada mais são do que uma expressão das bases epistemológicas sem as quais seria inútil falar de ciência desses fenômenos (LACAN, 1987, p.335-336).

Ora, Lacan percebe o teor abstrato que tais palavras possuem, entretanto, quer com elas fundamentar uma ciência da personalidade concreta, na qual o sujeito não é mais o sujeito do conhecimento objetivo, mas possui sua gênese no desenvolvimento das funções intencionais ligadas às próprias tensões e às relações sociais que vivencia, não menosprezando o postulado do determinismo existencial sem o qual, segundo ele, não haveria ciência.

Lacan irá interpretar o Ego e o Superego freudiano para além de instâncias psíquicas objetivantes do conhecimento, independentemente de deliberar acerca da confusão engendrada por toda tentativa de resolver *geneticamente* um problema de ordem gnoseológica, como o do Ego, se o considerarmos como sujeito do conhecimento. Lacan quer fazer dos conceitos provenientes de Freud uma via de acesso à ciência da personalidade,

---

<sup>5</sup> É por isso que Simanke afirmará que “não há descobertas em Lacan, mas a elaboração de sucessivos modelos explicativos, que pretendem respeitar a especificidade do campo de fenômeno delimitado por Freud. [...] é esse modo de visar a psicanálise - como horizonte e não como ponto de partida - que vai permitir a nosso autor ensaiar essa revitalização julgada necessária dos termo da doutrina” (SIMANKE, 2002, p.186)

fundamentado-os em um terreno concreto. As tendências autopunitivas, que abrangem a inclusão das *pulsões socialmente reprimidas* e, portanto, a tensão própria dos conflitos sociais do sujeito garante essa postura. As funções vitais sociais que caracterizam, de modo geral, relações de compreensão, e a representação humana do sujeito que estão polarizadas entre o ideal subjetivo do eu e o juízo social de outrem são aquelas definidas como funções da personalidade. Elas revelam um caráter intencional. Lacan diz:

Todo fenômeno de consciência, com efeito, tem um sentido [...]. O fenômeno de consciência mais simples, que é a imagem, é símbolo ou é desejo. [...] mas, por mais ilusório que seja, esse sentido, do mesmo modo que qualquer fenômeno, tem sua lei. O mérito desta nova disciplina, que é a psicanálise, é nos ter ensinado a conhecer essas leis. (LACAN, 1987, p.248).

Através do conhecimento dessas leis poder-se-ia restituir a objetividade de uma ciência e, deste modo, Lacan irá reaproveitar o arcabouço psicanalítico, lhe dando um caráter concreto do sentido do desejo. Assim, encontramos uma equivalência ou uma medida comum entre os diversos fenômenos da personalidade sob o termo energia psíquica. “A inovação de Freud nos parece capital no sentido em que ela traz à psicologia uma noção energética, que serve de medida comum a fenômenos muito diversos. Trata-se da *libido*, cuja base biológica é dada pelo metabolismo do instinto sexual” (LACAN, 1987, p. 256)

Através da pesquisa acerca da psicose, Lacan agrupa três graus de importância primordiais: as situações da *história infantil do sujeito*, as *estruturas conceituais* que seu delírio revela e as *pulsões e intenções* que seu comportamento social traduz. Eis que Lacan chama a atenção para ordens de fatos que até então foram negligenciados no estudo das psicoses pela psiquiatria, qual seja, a semiologia concreta da personalidade da doente anteriormente à psicose e as anomalias relativas à *esfera sexual*. “Com as anomalias do comportamento sexual, o papel eletivo de certos conflitos e seu elo com a história infantil, não podemos deixar de reconhecer as descobertas da psicanálise sobre o papel primordial, em psicopatologia, da sexualidade e da história infantil” (LACAN, 1987, p.326).

Eis que as tendências narcísicas aparecem: nas interdições morais sofridas pela criança, e que a instauração de uma independência em face das ameaças externas dá sentido a formação de mecanismos autopunitivos, como no caso de Aimée, ou do superego. “A prevalência mórbida dos mecanismos de autopunição será sempre acompanhada, portanto, de distúrbios que manifestam a função sexual” (LACAN, 1987, p.260). Ao mesmo tempo, os complexos éticos, que dominam toda a personalidade da doente (Aimée, por exemplo) estão

misturados, em altíssimo grau, às relações psicossociais manifestas. O valor patogênico desse conflito, de sua ligação direta com a história afetiva infantil da doente; no caso de Aimée, um conflito com a irmã.

É de se chamar a atenção para a importância da gênese das funções de autopunição (superego) encontrado na psicanálise para o projeto lacaniano.

[...] contudo Freud invoca em sua gênese a virtude de um *princípio de realidade*, que evidentemente se opõe ao *princípio de prazer*, pelo qual são reguladas as pulsões do Id, assim como de toda vida. Ora esse princípio de realidade não é de modo algum separável do princípio de prazer, [...] Isto é, esse princípio de realidade só se distingue do princípio de prazer num plano gnoseológico, e que, assim sendo, é ilegítimo fazê-lo intervir na gênese do Ego, uma vez que ele implica o próprio Ego enquanto sujeito do conhecimento. (LACAN, 2002, p.331-332).

Na medida em que o sujeito - no conflito entre os princípios e no surgimento das tendências autopunitivas -, não somente é aliviado da tirania que lhe é posta exteriormente através da incorporação (introjeção) ao eu de uma parte da libido, ao mesmo tempo, ele os reproduz e os obedece. Há uma co-produção intencional. Esses distúrbios ficam então ligados a uma fixação afetiva da economia libidinal. Eis porque se pode dizer que a Tese é ainda uma obra de psiquiatria, embora sendo já um texto psicanalítico.

Lacan segue em uma interpretação peculiar da obra de Freud na tentativa crítica de lê-lo como um psicólogo do concreto. Ele intenta fazer do processo econômico da libido freudiana um processo imediatamente compreensível pela função da tendência de autopunição. Mais especificamente, habilita a correlação entre a função sexual e a formação dos sintomas psíquicos através do conceito de libido na tentativa de retirá-lo do registro abstrato da metapsicologia. “O princípio evolutivo de economia (pulsões reprimidas) não é outro senão a definição objetiva do princípio de prazer” (LACAN, 2002, p.333). Se, por um lado, fazer da libido um instrumento na tarefa de impulsionar a psicologia no rumo de um saber positivo provém da formação psiquiátrica de Lacan, por outro, não é menos verdade que a reinterpretação dada ao conceito de libido está em consonância com o projeto politzeriano de limpar o terreno da psicologia de qualquer espécie de realismo e de entidades inconscientes. De fato, durante muito tempo, Lacan será relutante em incorporar a noção de inconsciente aos seus dispositivos teóricos.

### **O problema do paralelismo psico-físico e a estruturação paranóica do conhecimento**



Lacan não deixa claramente explícito como as funções intencionais do Ego e as definições objetivas se relacionam, mas ainda assim afirma “que a gênese da função de autopunição revela-nos com clareza a estrutura concreta de natureza imediata, de um dos fundamentos vitais do conhecimento” (LACAN, 1987, p.333). Logo à frente, em outras palavras, ele afirmará ainda que “a questão que se coloca é a de saber se todo o conhecimento não é de início conhecimento de uma pessoa antes de ser conhecimento de um objeto, e se a própria noção de objeto não é, para a humanidade, uma aquisição secundária” (LACAN, 1987, p.333-334). Tal passagem nos remete à distinção politzeriana entre conhecimento em primeira pessoa e conhecimento em terceira pessoa, ou seja, a diferença entre um saber fundado no drama concreto do sujeito e o saber abstrato das ditas “psicologias de laboratório” caracterizada anteriormente. Deste modo, Lacan evidencia a importância de lidar com problemas de raízes epistêmicas e antropológicas ainda não problematizadas.

Mesmo prezando pelas relações de compreensão na análise clínica, Lacan não desestima a importância dos fatores orgânicos para a investigação. No entanto, sabemos que ele não abordará a questão da mesma maneira como faziam seus contemporâneos e que ainda hoje predomina na análise de doenças mentais. Se ele vai valorizar o papel dos fatores orgânicos é por achar que pode lhes fornecer uma significação distinta da teoria clássica que, para ele, seria o *paralelismo psiconeurológico (psicofísico)*, retomado sob o nome de automatismo mental. “Este paralelismo, que supõe que toda representação produzida por uma reação neurônica qualquer, arruína radicalmente toda e qualquer objetividade” (LACAN, 1987, p.344). Mais uma vez transparece a influência crítica de Politzer, ainda que sob o tom de voz lacaniano intimamente entusiasmado pelo desígnio psiquiátrico de estabelecer um método científico para a abordagem do fenômeno da personalidade. Lacan se preocupa menos com o retorno do cabedal doutrinário da psicologia clássica do que com uma série de formulações que lhe parecem biologizantes e que, assim, caminhariam no sentido do reducionismo orgânico.<sup>6</sup>

A explicação segundo a qual o cérebro cumpre a função de mecanismo fisiológico de todo o conhecimento, armazenando os movimentos e intenções corporais e mentais não é suficiente para a compreensão do conhecimento, seja ele delirante ou não. Nas palavras de Lacan:

---

<sup>6</sup> Vale enfatizar que, ainda assim, a tendência concreta permitiria um entendimento coerente do papel que fatores orgânicos podem desempenhar na manifestação da doença.

a *personalidade* não é ‘paralela’ aos processos da neuraxe, nem mesmo apenas ao conjunto dos processos somáticos do indivíduo: ela o é à *totalidade constituída pelo indivíduo e por seu meio ambiente próprio*. [...] Somente essa concepção legítima do *paralelismo* permite dar à intencionalidade do conhecimento [...] Somente ela permite dar conta tanto do conhecimento verdadeiro como do conhecimento delirante (LACAN, 1987, p.345).

Essa passagem encontra respaldo em muitas influências caras à Lacan. Em uma nota de rodapé, ele faz referência a uma escola de biologia fundamentada nos trabalhos de Jacob Von Uexküll, que tem por base a noção de meio próprio a um ser vivo. Isto é, valoriza a questão do meio na constituição e organização específica do indivíduo que faz parte dele; o mundo físico seria uma extrapolação do ambiente do homem, até o ponto dele se identificar com a realidade mesma.

É segundo esse outro tipo de paralelismo que a tendência concreta adquire sua positividade; tendência essa expressa por determinado comportamento da unidade viva face a um objeto dado. No caso de Aimée seria a tendência de autopunição. Nas palavras de Lacan: “Ao declararmos essa tendência concreta, nós aí encontramos um sintoma físico, isto é, um objeto comparável aos sintomas apontados pela medicina em geral.” (LACAN, 1987, p.346) É a tendência concreta que garante, portanto, a objetividade. Ora, quando a expressão *psicologia científica* aparecer na retórica lacaniana, leia-se *psicologia concreta*.

Retomando uma passagem anterior, segundo a qual a personalidade seria a totalidade constituída pelo indivíduo e seu meio ambiente próprio, encontramos sob a égide de um holismo Spinozano o desvelamento de sentido primordial necessário à compreensão da noção de paralelismo que Lacan propõe. No início da Tese há uma citação em latim da proposição 57 do livro III da *Ética* de Spinoza; não por acaso, a mesma passagem é traduzida e comentada ao final da Tese. Assim, “tudo se passa, portanto, como se a tese de Lacan estivesse inteiramente colocada sob o signo de Spinoza”, diz Roudinesco (ROUDINESCO, 2008, p.67). É daí que Lacan retira sua nova concepção de paralelismo, colocando-a como a única capaz de sustentar uma ciência da personalidade. Para explicar a união da alma e do corpo, Spinoza propunha a ideia de que só há realmente paralelismo se houver, não correspondência entre corpos e processos somáticos, mas união entre o mental e o físico segundo uma *relação de tradução*. Em outra passagem, no livro II, Spinoza diz: “A ordem e o encadeamento das ideias é o mesmo que a ordem e o encadeamento das coisas [...] e assim, quer concebamos a natureza sob o atributo da Extensão ou do Pensamento, ou sob qualquer

outro atributo, encontraremos uma mesma e única ordem, um mesmo e único encadeamento das causas” (SPINOZA apud ROUDINESCO, 2008, p.67). Seguindo o raciocínio, a personalidade seria, portanto, uma espécie de atributo da substância única e imanente que, segundo Roudinesco:

seria a existência do indivíduo enquanto existência social constituída por uma rede de comportamentos múltiplos. [...] ela se ligava a um monismo, a um materialismo e a uma antropologia histórica que seria acolhida com tanto maior fervor pela jovem guarda psiquiátrica, pelos surrealistas e pelos comunistas, na medida em que situava a paranóia não mais como fenômeno deficitário decorrente de uma anomalia, mas como uma *discordância* em relação a uma personalidade normal (ROUDINESCO, 2008, p.68).

Assim, quando Lacan oferece uma tradução diferenciada da passagem da proposição 57 de Spinoza: “uma afecção qualquer de um dado indivíduo mostra com a afecção de um outro tanto mais discordância quanto a essência de um difere mais da essência do outro” (LACAN, 1987, p.351), ele está dizendo que as afecções ditas patológicas e as afecções ditas normais fazem parte de uma mesma essência que define sua discordância, abandonando a noção de déficit que o saber paranóico carrega. Já aqui, paranóia e personalidade tencionam ser a mesma coisa. *A loucura é vivida inteiramente no registro do sentido*. “O conhecimento humano é essencialmente paranóico, já que as mesmas condições presidem à gênese dos sistemas delirantes e da personalidade normal.” (SIMANKE, 2002, p.229). A psicose paranóica na tendência autopunitiva é reconhecida no pleno valor de um fenômeno da personalidade.

## Referências

CANGUILHEM, G. *O que é psicologia?* IN: Revista Impulso. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

LACAN, J. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia*. 2.ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SIMANKE, R. T. *Metapsicologia lacaniana - os anos de formação*. Paraná: Editora UFPR, 2002.